BEATRIZ ALVARENGA

Ao se pensar em mulheres na Física, no Brasil, principalmente para quem andou ou anda pelas Minas Gerais, o nome de Beatriz Alvarenga certamente aparece em mente. Aos 93 anos, a professora ainda caminha pela sua casa da Rua Ponte Nova, na Floresta, Belo Horizonte, exibindo algumas de suas "geringonças", que são objetos que utilizou ao longo da carreira para fazer com que seus alunos compreendessem, na prática, as lições da física. Vinte e quatro anos depois de deixar a docência (Beatriz é professora emérita do Instituto de Ciências Exatas da UFMG), a ela ainda recebe ex-colegas e estudantes para aulas particulares em seu grande laboratório.

Beatriz não é formada em física, embora seja uma das mais conceituadas estudiosas da matéria. Nascida em Santa Maria de Itabira, a 133 quilômetros da capital mineira, ela se mudou aos 10 anos para Belo Horizonte. O pai, o farmacêutico Trajano Procópio de Alvarenga, veio em busca de escolas melhores para os doze filhos. Aos 17 anos, Beatriz fez vestibular para engenharia civil, na Escola Livre de Engenharia, que anos mais tarde seria incorporada à UFMG. Na época nem havia ensino superior de física. "Engenharia era o único curso que envolvia matemática", lembra. Em sua turma, todos os colegas eram homens, o que não a deixava constrangida. À frente de seu tempo, Beatriz contrariou os padrões também na vida pessoal: casou-se tarde, aos 39 anos, bem depois da maior parte de suas amigas. "Quando recebi o pedido, fui logo avisando que não tinha tempo para ter filhos", conta ela, que viveu com o professor de português aposentado Celso Álvares, até que ele faleceu recentemente.

Em 1968, foi uma das responsáveis pela criação do Departamento de Física dentro do Instituto de Ciências Exatas da UFMG. Até aquele momento, o curso funcionava na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Foi nessa ocasião que o colega Antônio Máximo lhe sugeriu que escrevessem, em parceria, um livro didático. As obras disponíveis, segundo ele, eram maçantes, recheadas de fórmulas matemáticas e com pouca ênfase na aplicação. "A qualidade dos livros era muito ruim, qualquer coisa que a gente fizesse seria melhor". Desde 2009, a cada ano são vendidos em media 1,3 milhão de exemplares. Ainda hoje, ela aproveita todas as oportunidades que surgem para fazer sua catequese: defender a importância da física aplicada dentro da sala de aula. "Para compreender melhor a sua vida e tudo o que faz, você tem de entender um pouco de física", resume, repleta de razão.

Mais detalhes sobre a professor beatriz, veja:
https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/ufmgtube/entrevistas/entrevista-com-beatriz-alvarenga/
https://www.ufmg.br/diversa/20/perfil-beatriz.html
http://vejabh.abril.com.br/materia/cidade/mineira-beatriz-alvarenga-referencia-nacional-ensino-fisica/